



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CENTRO DE EDUCAÇÃO- CEDUC

CURSO DE PEDAGOGIA

DYANE FERREIRA RIBEIRO

A IMPORTÂNCIA DO DESENHO COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO

Campina Grande

2016

DYANE FERREIRA RIBEIRO

A IMPORTÂNCIA DO DESENHO COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB – Campus I – Campina Grande – PB
Orientadora: Prof^ª. Ms. Livânia Beltrão Tavares

Campina Grande

2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

R484i Ribeiro, Dyane Ferreira
A importância do desenho como instrumento pedagógico
[manuscrito] / Dyane Ferreira Ribeiro. - 2016.
35 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.
"Orientação: Livânia Beltrão Tavares, Departamento de
Educação".

1. Desenho. 2. Desenvolvimento Cognitivo. 3. Educação
Infantil. I. Título.

21. ed. CDD 370

DYANE FERREIRA RIBEIRO

**A IMPORTÂNCIA DO DESENHO COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO
PARA O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DA CRIANÇA DA EDUCAÇÃO
INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como
requisito parcial para a obtenção do título de
Licenciatura em Pedagogia, do Curso de Pedagogia
da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB –
Campus I – Campina Grande-PB.

Aprovado em: 03/05/2016.

Nota: 9,5 (nove e meio)

BANCA EXAMINADORA

Livânia Beltrão Tavares

Profa^a. Ms. Livânia Beltrão Tavares

Orientadora

Diana Sampaio Braga

Prof^a. Ms. Diana Sampaio Braga

Banca Examinadora

Ruth B. Araújo Ribeiro

Prof^a. Ms. Ruth Ribeiro

Banca Examinadora

RESUMO

O presente artigo tem como tema “A importância do desenho como instrumento pedagógico para o desenvolvimento cognitivo da criança da educação infantil.” Trata-se de um estudo de natureza descritiva e analítica, de abordagem quanti-qualitativa, em que se buscou pesquisar sobre o uso do desenho em sala de aula da Educação Infantil, além de perceber como as professoras interpretam os desenhos de seus alunos. O estudo foi fundamentado em autores como Moreira (2011), Oliveira (2010), Vygotsky (1991), Naulle (1949), Cognet (2004) e Leite (2002). O instrumento utilizado para a coleta dos dados foi um questionário aberto, aplicado em duas creches municipais da cidade de Campina Grande - PB. Através dos resultados, observamos que, em sua maioria, as docentes reconhecem a importância do desenho para o desenvolvimento cognitivo da criança, porém, esse é um recurso pouco usado no processo ensino de algumas professoras. A pesquisa teve como enfoque a educação infantil, fase escolar em que a criança está a todo momento descobrindo e desenvolvendo suas capacidades motoras, emocionais e sociais. Nesse período, o desenho se apresenta como um forte aliado para que a criança possa expor o que internalizou, a partir de sua vivência no meio no qual está inserida, além de ajudá-la a organizar seus pensamentos e expressar tudo o que sente, precedendo uma linguagem verbal, a saber, a fala, que ainda não é fluente.

Palavras-chave: Desenho. Desenvolvimento. Expressão

INTRODUÇÃO

A escolha por fazer o trabalho de conclusão sobre a importância do desenho, como instrumento pedagógico, para o desenvolvimento cognitivo da criança da educação infantil surgiu do interesse de analisar o significado que representa o desenho de crianças, suas curiosidades e emoções atreladas ao campo da psicologia, que é uma área com a qual muito me identifico.

No início do estudo sobre a temática, tive a certeza de que estava estudando o que, de fato, queria: uma combinação perfeita, a meu ver, entre a pedagogia e a psicologia. Assim, através desta pesquisa, pretendemos colaborar para a ampliação de conhecimentos sobre o tema, que é instigante e de grande importância para a prática de ações voltadas ao desenvolvimento da criança.

É na fase da Educação Infantil que as crianças precisam experimentar, brincar, sentir emoções, que contribuem para o seu desenvolvimento. O desenho participa desse processo por permitir que, através dele, as crianças possam, ludicamente, expressar alguns sentimentos.

Sendo assim, este trabalho tem como finalidade de identificar como as educadoras percebem a importância do desenho para o desenvolvimento da criança percebendo como ele contribui de forma direta para o crescimento cognitivo, emocional e social, daquelas que tornam externo aquilo que foi, por elas, internalizado.

As produções gráficas demonstram que em cada desenho existe uma particularidade de quem o produziu, tendo assim, uma liberdade de expressão em cada traço fazendo refletir sobre as influências sociais e familiares como base para essas produções, uma vez que o meio em que as crianças se encontram contribui, significativamente, para a construção de seus desenhos.

Cognet (201, p.13) afirma que: “O desenho, como sabemos, é um meio muito empregado por crianças pequenas, pais e professores. Trata-se de uma produção impregnada de liberdade.”

Nesse sentido, este trabalho aborda, também, o uso do desenho em sala de aula, questionando professoras de duas creches municipais, da cidade de Campina Grande-PB, acerca de seu aproveitamento como recurso didático, e demonstrando a importância dele para o desenvolvimento da criança em suas dificuldades e aprendizados.

Um educador que está com a criança todo dia poderia se apropriar de seus desenhos, sim, mas para pensar neles, como eles e a partir deles! Começar a perceber que aquela criança sempre tem uma cor preferida, um tipo de traço que ela usa ou um tipo de disposição no papel. Poderia começar a perceber que ela tem uma coisa dela, singular, que está ali colocada. Ou que aquela outra criança está, naquele momento, mergulhada num movimento cinestésico e que aquele desenho não tem propriamente uma intencionalidade: ele é a concentração do prazer de estar desenhando, rabiscando, colorindo, jogando – desprendida de que fase ou etapa uma criança daquela idade deveria estar... (Leite, 2002, p. 271)

É considerando essa perspectiva que se julga interessante trabalhar com o desenho em salas de aula dos anos iniciais. A partir dele é possível observar determinadas dificuldades e avanços que a criança venha a apresentar, já que a hora do desenho pode ser um momento em que a criança queira ficar a sós com seu pensamento e seja, também, de certa forma, o momento em que ela pode se comunicar, ou não, na ausência das palavras.

No entanto, o educador não pode banalizar o desenho como instrumento pedagógico, utilizando-o sem uma finalidade definida, ou como simples passatempo. É preciso atentar para o fato de que a criança, quando desenha, se expressa, se revela, organiza seus pensamentos e concretiza suas memórias.

Por isso, vale pensar: o desenho está sendo reconhecido como instrumento pedagógico na sala de aula? Os educadores dão a devida atenção a esse instrumento pedagógico?

Esses são alguns dos questionamentos que serão abordados sobre o tema aqui em questão. Para responder às perguntas mencionadas anteriormente, traçamos os seguintes objetivos:

Objetivo Geral: Analisar a importância do desenho gráfico no processo de desenvolvimento cognitivo da criança da Educação Infantil de duas creches municipais da cidade de Campina Grande – PB na perspectiva das professoras.

Objetivos Específicos:

1. Identificar como as educadoras percebem a importância do desenho para o desenvolvimento da criança;
2. Observar se as educadoras usam os desenhos gráficos como um auxílio à sua didática em sala de aula;
3. Refletir se as educadoras incentivam seus alunos a se expressarem através dos desenhos que eles produzem.

Para tratar dos objetivos acima propostos, o presente trabalho foi organizado em cinco seções, excetuando-se esta introdução e as considerações finais.

Da primeira a terceira seção foi construída a fundamentação teórica. Nelas, encontram-se os tópicos: Desenvolvimento cognitivo; Desenho Infantil; e Desenho como instrumento pedagógico na educação infantil, respectivamente.

Na quarta seção, encontra-se o percurso metodológico seguido no desenvolvimento da pesquisa e obtenção de seus resultados.

Por último, na quinta seção, encontra-se a discussão dos resultados da pesquisa, fazendo abordagens a respeito da importância do desenho para o desenvolvimento cognitivo da criança.

1. DESENVOLVIMENTO COGNITIVO

O desenvolvimento cognitivo é o processo de organização, captação, transformação e de memorização de informações, sendo essas informações tanto biológicas quanto sociais. O indivíduo aprende tudo o que se torna significativo na sua vivência, construindo, assim, o seu cognitivo durante toda sua existência.

Não vejo problema em pensar que o resultado da equilibração majorante é uma aprendizagem significativa ou que a conversão de relações pessoais em processos mentais, mediada por instrumentos e signos e via interação social, resulte em aprendizagem significativa. Também não vejo dificuldade em interpretar como aprendizagem significativa a construção de modelos mentais ou de construtos pessoais; tanto uns como outros implicam dar significados a eventos ou objetos. (Moreira, 2011, p. 13)

O desenvolvimento cognitivo se dará a partir de trocas de experiências com o meio com o qual o indivíduo interage. As diferentes estruturas cognitivas permitirão distintas formas de interação com o meio e o desenvolvimento da inteligência, da linguagem, da motricidade e do raciocínio, por exemplo, vai acontecendo a partir dos estágios em que o indivíduo, como ser biológico, se encontra, passando a sentir a necessidade de novas descobertas e experiências, como asseguram os estudos de Piaget:

o ser humano, dotado de estruturas biológicas, herda uma forma de funcionamento intelectual, ou seja, uma maneira de interagir com o ambiente que leva à construção de um conjunto de significados. A interação desse sujeito com o ambiente permitirá a organização desses significados em estruturas cognitivas. Piaget (1970, *apud* TEIXEIRA et al, 2009, p. 139)

Segundo a teoria de Piaget, “a unidade estrutural do desenvolvimento cognitivo é denominado como ‘esquema’ que significa uma sequência bem definida de ações físicas ou mentais” (ROSA, 1996, p.139), ou seja, o esquema é a organização e, conseqüentemente, a construção do desenvolvimento cognitivo do indivíduo. No caso, a criança vive suas experiências e com elas aprende e se adapta a outras novas experiências, sejam elas físicas ou motoras.

Para cada construção do pensamento é preciso que a criança, como um ser pensante, possa construir e resolver situações problemas, permitindo o desenvolvimento de seu cognitivo a partir do estágio de desenvolvimento em que a criança se encontra e as diferentes experiências e necessidades que surgem no seu contato com o meio e em seu próprio ser, analisando-as como um indivíduo com desafios psicológicos a serem descobertos e construídos.

Rosa (1996, p. 139) afirma que “não se pode compreender o produto final, advogou Piaget, sem se conhecer o processo evolutivo”.

É relevante pensar que a criança, enquanto indivíduo, é única em sua fase de desenvolvimento cognitivo, pois a singularidade de cada ser mostra que as mesmas fases podem ser realizadas de diferentes formas durante o desenvolvimento.

Entender a complexidade desse desenvolvimento ajuda a compreender como se dá a construção cognitiva de cada indivíduo buscando entender a particularidade de cada um possibilitando, assim, o entendimento do agir e o pensar do outro.

Jean Piaget (1896 a 1980)

Para tratar de estudos acerca do desenvolvimento da cognição, é importante mencionar as contribuições de Jean Piaget nessa área, uma vez que ele tem grande identificação com estudos cujo principal objetivo é a vivência humana fundamentada na experimentação.

Ao longo dos seus estudos, ele analisou e defendeu a ideia de que a inteligência humana consiste em diferentes etapas e métodos de raciocínio da criança em diferentes idades, ou seja, não existe pensamento errado ou certo, existem diferentes formas de entendimentos de um mesmo assunto.

O autor defende a ideia de que, para desenvolver o seu conhecimento e, conseqüentemente, o seu aprendizado, o indivíduo tende a ter relações diretas com o meio no qual está inserido. Para ele, a pesquisa, nesse campo, deveria se dar

na direção de estudos acurados de inteligência, pois somente por esse meio se poderia chegar à compreensão adequada de como o indivíduo conhece o mundo objetivo; como percebe e compreende a realidade. (Rosa, 1996, p. 139)

Entender a fase na qual a criança se encontra é importante para saber o que, de fato, a criança tem condições cognitivas para aprender. Com isso, respeitar tal desenvolvimento e, ao mesmo tempo, estimular com o novo faz com que elas cresçam cognitivamente, tendo o meio, no qual ela se encontra, como principal mediador dessas novas experiências.

Os estudos de Piaget, assim como os de Vygotsky, que serão tratados no tópico seguinte, são imprescindíveis para tentar melhor entender a dinâmica do desenvolvimento infantil, pois a partir dele poderemos entender como o meio no qual a criança está inserida pode de forma direta contribuir para o seu desenvolvimento.

Estudar como, onde e o porquê da realização de determinadas atividades com as crianças é explicar a partir da necessidade que ela tem diante de sua realidade.

Estimular, brincar, desenhar e falar são algumas das atividades essenciais para uma criança que está em seu processo de desenvolvimento e que a todo instante está

aprendendo e usando do seu conhecimento prévio para solucionar seus problemas mediante as suas necessidades.

Lev S. Vygotsky (1896 a 1934)

Nascido em Bielorrússia na cidade de Orsha na Rússia, Lev S. Vygotsky percorreu vários caminhos até chegar à área da psicologia. Seus estudos têm grande importância, também, nas áreas de pedagogia e filosofia, por exemplo.

Para ele, as várias mudanças que ocorrem na sociedade produzem mudanças na natureza humana, sejam elas comportamentais ou na consciência humana. Ou seja, o indivíduo vive e se relaciona de acordo com o meio no qual ele está inserido.

Vygotsky acredita que a criança precisa estar em ambientes que lhe proporcionem diferentes tipos de estímulos e experiências, para que possa desenvolver conhecimentos e consiga obter diversos tipos de raciocínio, mediante as situações propostas pelo meio cultural e social do qual ela faz parte.

Para Vygotsky (1984, *apud* OLIVEIRA, 2002, p.41), “o aprendizado pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual as crianças penetram na vida intelectual daqueles que as cercam.”

Sendo assim, para que essa interação com meio seja estabelecida, é preciso que haja mediação entre a criança e os outros indivíduos, estabelecendo o contato e a troca de experiências positivas e, também, negativas. É nessas experiências que a criança irá aprender e se desenvolver.

Sobre isso, Oliveira (2010, p.13) deixa claro que “o manuseio de objetos e a participação em atividades diversas de livre expressão através da música, de gestos, de construções com papel [...] ou da linguagem, possibilitariam que o mundo interno da criança se exteriorizasse”.

Dessa forma, as crianças se expressam das mais variadas formas, e entender o que elas querem transmitir, a partir de determinadas atitudes no desenho é buscar uma forma de ajuda-las no que elas estão sentindo necessidade, e é nesse aspecto que o desenho vem como um instrumento que favorecem tal entendimento das emoções e das expressões que as crianças apresentam ao longo do seu desenvolvimento.

2. O DESENHO INFANTIL

Historicamente, o estudo sobre o desenho da criança começou por volta dos anos de 1893, na Califórnia, quando Barnés (1893), um dos autores pioneiros, teve a curiosidade de pensar o desenho como forma de desenvolvimento de um indivíduo, além de analisar a psicologia infantil, a partir dos desenhos das crianças.

Ao passar dos anos, o estudo do desenho foi se tornando mais intenso, chegando a concluir que, a partir deles, seria possível melhor interpretar, psicologicamente, as atitudes e os comportamentos de crianças ou até mesmo de indivíduos já adultos.

Segundo Naulle, a psicologia do desenho infantil permite estudos que possam ser trabalhados para desenvolver de diversos aspectos, tais como

as faces do desenvolvimento, métodos do exame e medida da inteligência, motricidade, traço e uso da mão, noção do espaço, função da percepção visual, papel da forma, verbalização perigráfica, objetivos da reprodução, expressão, caráter, tipos, jogo, psicopatologia, etc. (Naulle, 1949, p. 12)

Para Macêdo (2014), o desenho infantil é uma reprodução gráfica e singular de cada criança enquanto indivíduo. Essa representação é o resultado do modo como a criança observa o mundo que está ao seu redor e a realidade na qual está inserida, produzindo cultura através dos seus desenhos.

Em alguns casos, a criança não consegue expressar, em palavras, o que foi internalizado por ela. Nesse momento, o desenho vem para auxiliar na exposição desses sentimentos.

Inconscientemente, ela bem sabe que aquele desenho, por mais tosco que possa parecer a olhos inexperientes que não conheçam o universo próprio à infância, fala sobre ela mesma, sobre seu desenvolvimento, desejos, temores e mesmo angústias [...] Cada desenho é um destino, sendo concebido, realizado e transformado involuntariamente por aquele a quem ele foi prometido. (Cognet 2004, p. 15)

Os desenhos ganham mais complexidade conforme a criança vai se desenvolvendo, demonstrando, assim, a sua evolução cognitiva. A partir deles, e do modo como eles são feitos, podem-se levantar hipóteses de traços da personalidade da criança.

Partindo desse pressuposto, dependendo do olhar de quem analisa, o desenho pode ser visto sob diferentes aspectos, sendo eles: psicológicos, educacionais e/ou familiares.

[...] o destino do desenho da criança é multiforme: para o psicólogo [...] ele surge como espelho, como reflexos mais ou menos límpidos, da organização, e até dos conflitos intrapsíquicos do sujeito; para o professor: [...] identifica é a sua evolução, em comparação com um desenvolvimento médio (a criança está adiantada ou atrasada?); para os familiares [...] repetido de forma quase cotidiana, que evoca o universo interior , a magia da infância, mas também a capacidade de ficar sozinho face ao seu imaginário[...] (Cognet 2004, p. 09)

A criança não desenha somente o que vê, mas o que compreende, o que sente e, principalmente, como ela se vê no meio em que vive.

Partindo dos primeiros rabiscos, é que se começa a construir um conjunto de apoio para a aquisição da escrita e da leitura, ao longo do desenvolvimento cognitivo na infância. “As crianças muitas vezes ensaiam para a escrita através do desenho e, à medida que desenhavam, vão anunciando, oralmente, o texto que pretendem escrever.” (RIBEIRO, 1999, p.53). Ou seja, a criança, ao desenhar, constrói muito mais significados no que ela quer expressar do que no próprio texto escrito.

Ademais, no desenho, se encontra a construção de caráter evolutivo e expressivo da criança, pois ela consegue interagir com o seu próprio desenho, mesmo sendo, a fase de desenvolvimento em que a criança se encontra, ainda, a das suas garatujas (que já atribuem significados), a das linhas sem nexos, a de alguns traços fortes ou de outros mais leves.

Segundo Leite (2002, p.249), “o desenho da criança é visto como um documento- possibilidade de ressignificação do mundo, onde exhibe seu universo sócio-político-econômico-cultural”.

Ele é, pois, um momento singular para a criança, que desenha o seu contexto. Só ela sabe o que quer desenhar e o porquê de sua escolha. Assim, não se pode dizer que existe desenho estereotipado, mas desenho que representa um sentimento temporário ou momentâneo da criança que reproduz o que vivenciou em algum momento da sua vida.

Ele é a expressão da criança, e a pintura é o aperfeiçoamento do que ela expressou. Cada uma, com a sua singularidade, consegue expor o que internalizou através do desenho. Assim, mesmo sem perceber, a criança constrói um conhecimento significativo e demonstra tudo o que viu e aprendeu através da interação com ambiente a que ela pertence.

Quando desenhavam e pintavam suas produções, as crianças demonstram prazer e não permitem que alguém desqualifique sua produção [...] o desenho é uma forma de expressão, pela qual se auto afirmam ao tempo que produzem culturas (MACÊDO, 2014, p. 18).

Durante a infância, a criança, a todo o momento, está aprendendo, e o desenho auxilia nesse processo, pois ela desenha o que sabe, aprende e ensina a partir da interação com o outro e com outras novas formas de fazer suas produções.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, “a indivisibilidade das dimensões expresso-motora, efetiva, cognitiva, linguística, ética, estética e sociocultural da criança.” (BRASIL, 2010, p. 19) é um dos direitos assegurados pela proposta da instituição de Educação Infantil.

Sendo assim, nesse período, a criança deve ter os seus primeiros contatos com outras crianças, com outras culturas e com outras histórias, é quando elas começam a aprender a organizar seus pensamentos para que saibam agir diante de novas experiências, e para que possam se construir como um ser social, intelectual e emocional.

3. O DESENHO COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

[...] todos os processos de aprendizagem envolvem uma aquisição, seja ela de comportamento ou de conhecimento [...] podemos dizer que o termo aprendizagem se refere a um acréscimo comportamental ou intelectual. (TEODORO, 2013, p. 20).

Desde o momento em que a criança começa a ter os seus primeiros contatos com o mundo que a cerca, ela começa a experimentar diferentes situações que a levam a aprender.

Isso acontece porque, segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais, a criança é um

sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivenciam, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2010, p. 12)

Sendo assim, a criança se desenvolve por suas atitudes em relação ao outro, ganham diferentes significados e tende a expressar as situações vividas por ela. Nesse momento, o desenho se torna uma das ferramentas usadas pela criança como forma de “falar” em meio ao silêncio.

Na Educação Infantil, o desenho ganha diferentes significados a partir do modo como é trabalhado em sala de aula, e o professor, como principal mediador, deve estar atento à forma como ele vem sendo executado.

Sobre isso, Macêdo (2014, p. 178) deixa claro que “a mediação da professora, orientando os traços, chamando a atenção para alguns detalhes da figura, é importante, porque eles vão aprimorando a técnica, a forma de fazer”.

Uma consideração importante nesse trabalho de intermediação, é respeitar a subjetividade da criança e não impor o desenho a elas, mas fazer com que possam se expressar a partir dos seus desenhos livres ou mesmo a partir de um tema gerador, deixando que possam imaginar, criar e refletir sobre suas emoções.

Nesse sentido, o papel do educador vem para auxiliar com intervenções que podem vir a ser necessárias no decorrer do desenvolvimento da criança, partindo do que foi analisado no desenho.

Essa expressão gráfica sem pedido formal é compreendida, em um tipo de abuso de linguagem, como liberta das amarras, livre de estereotípias ou então ainda não predeterminada, não escrava. Como se a liberdade criativa sempre pudesse advir quando o suporte para a expressão consistisse no desenho [...] os esboços às vezes malfeitos, os tons pastéis dos lápis de cor ou os tons fortes das canetas de feltro estão, para muitos professores ou pais, associados a um frescor, sinceridade e verdade da infância. (COGNÉT, 2014, p. 27)

A criança dos anos iniciais, buscam descobrir novos conhecimentos a partir das suas vivências. Inicialmente em casa (com a família) e, logo depois, na escola. Essa transição move toda a construção de conhecimentos prévios que ela já possui e, a partir disso, ela consegue estabelecer relações entre os conhecimento que já possuía com o que ela aprende de novidade, tornando, assim, a aprendizagem mais relevante.

Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI),

Esse processo possibilitará a elas modificarem seus conhecimentos prévios, matizá-los, ampliá-los ou diferenciá-los em função de novas informações, capacitando-as a realizar novas aprendizagens, tornando-as significativas. (BRASIL, 1998, p. 33)

Nessa perspectiva, é relevante apontar que o educador não deve abandonar determinadas conclusões a que a criança pode chegar, a partir de um determinado assunto, que pode ou não vir a ser expostos no ato de desenho.

Isso porque “os desenhos são, de algum modo, formas de exploração do real e processos constitutivos da sua compreensão.” (SARMENTO, 2011, p.40). Logo, é

importante observar o desenho como forma de entender como a criança internalizou o que foi exposto para ela, seja dentro ou fora da sala de aula.

Vygotsky (1991, p.75) declara que “o desenho é uma linguagem gráfica que surge tendo por base a linguagem verbal.”, ou seja, quando a criança já tem um bom desenvolvimento da oralidade, ela consegue desempenhar uma melhor exposição e organização dos seus pensamentos, e é nos rabiscos que elas conseguem melhor se expressar e assim, dando início a um desenvolvimento gráfico mais elaborado.

Além disso, o ato de desenhar faz com que a criança possa melhor desenvolver suas capacidades motoras. Por isso, durante a sua fase escolar, ela precisa aprender a “desenhar as letras”, fazendo o desenho se tornar um exercício preparatório para tal desenvolvimento.

Vale considerar que a criança não chega à escola sem nenhum tipo de conhecimento ou até mesmo sem nenhum tipo de preparação motora. Quando bem estimulada, a sua interação com o meio faz com que ela possa desenvolver funções e experiências necessárias para a vivência com o outro, desde seu primeiro contato com a cultura a que ela pertence.

[...] o desenvolvimento e aprendizagem estão inter-relacionados desde o nascimento da criança, que através da interação com o meio físico e social, realiza vários aprendizados. Através do grupo sócio-cultural em que está inserida, vivencia um conjunto de experiências, operando sobre todo material cultural (conceitos, valores, ideias, objetos concretos, concepções de mundo, etc) (OLIVEIRA, 2002, p. 40).

O educador deve observar, na criança da educação infantil, o que ela tem para ser expresso e não julgá-la somente pelo o que ela deixa ter. No convívio da sala de aula, os docentes devem analisar as produções feitas pelas crianças como forma de interagir, socializar e de entender quais os interesses que ali são demonstrados por elas.

Dessa forma, o trabalho com desenho, em sala de aula, não deve ser somente voltado para uma avaliação do desenvolvimento infantil, mas deve, também, ser usado como instrumento de expressão da criança e para que o educador conheça, mais intimamente, quem são os seus alunos, considerando a pluralidade que existe dentro de uma sala de aula.

O trabalho da criança diante da obra é, no desenho, desconstrução, é ressignificação – não é reprodução, não é devolução – é um trabalho dinâmico de elaboração, perpassando todo o visto/vivido por ela, constituidores de seu imaginário (LEITE, 2002, p. 273).

Chegar a conclusões precipitadas sobre qualquer criança é um erro que não deve ser cometido. Na fase de educação infantil, as crianças estão a todo momento descobrindo, conhecendo e construindo ideias de tudo o que está ao seu redor, assim, não há uma relação concreta sobre o seu modo de pensar e agir. Sobre isso, Leite (2002, p. 273) aponta que “a criança é ambígua, contraditória e assim é a sua relação com o contexto. Ela é ‘promíscua’, aberta a múltiplas relações”.

Um dos principais trabalhos dos educadores da educação infantil é instigar os seus alunos para as descobertas que podem ser realizadas por eles, fazendo com que se sintam capazes de desfrutar e a descobrir sua realidade. As diferentes cores, formatos, texturas fazem com que as crianças descubram, a cada dia, um novo universo. Além disso, faz com que elas possam evoluir cognitivamente e graficamente, desenhando o que elas veem, bem como aprendendo a imaginar o que seus olhos não enxergam.

Contudo, vale destacar que a criança da Educação Infantil não deve ser cobrada por suas atitudes, pois elas estão em constante crescimento e desenvolvimento. Sobre isso, Macêdo (2014, p. 180) deixa claro que “aprender, na Educação Infantil, deveria ser uma aventura, mas a representação moderna de escola, infância e criança, obriga a busca por metas”.

Nesse sentido, a escola, talvez, ainda precise repensar sua atuação na formação da criança, reconhecendo-a enquanto um ser social em construção, mas sem desconsiderar as individualidades e a naturalidade no decorrer desse processo.

4. PROCEDIMENTOS E PERCURSOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa é de natureza descritiva e analítica, de abordagem quanti-qualitativa. Para tanto, o trabalho foi construído partindo de uma revisão bibliográfica, a qual baseou toda a análise do posterior estudo de campo, concordando, pois, com Lakatos (2008, p. 12), ao afirmar que “antes de se iniciar qualquer pesquisa de campo, o primeiro passo é a análise minuciosa de todas as fontes documentais que sirva de suporte à investigação projetada”.

A pesquisa foi realizada utilizando, como instrumento para coleta de dados, um questionário aberto, aplicado com oito professoras da Educação Infantil, de duas creches municipais da cidade de Campina Grande – PB.

O referido questionário era composto de perguntas objetivas e subjetivas, entre elas, uma, mais específica, que pedia a análise de desenhos feitos por crianças de diferentes idades.

Os desenhos a serem analisados pelas professoras, sujeitos desta pesquisa, foram obtidos em uma escola da rede particular do município de Campina Grande, que se prontificou a contribuir, autorizando a liberação de quatro desenhos, todos eles feitos por crianças do sexo feminino, cujas idades variavam de três a seis anos.

Para a construção dos desenhos, anteriormente mencionados, foi necessária uma rápida intervenção de minha parte. Nesse sentido, para as crianças de três a cinco anos, fiz a leitura de um livro infantil, sendo eles: “O ratinho, o morango vermelho maduro e o grande urso esfomeado”, cuja é autoria Dom e Audrey Wood, com ilustração de Don Wood; “Gato pra cá, rato pra lá” de Sylvia Orthof e ilustrações de Graça Lima e “PAPAI”, de Philippe Corentin, escolhido por elas, individualmente e, em seguida, solicitei a produção de seus desenhos.

Em se tratando da criança de seis anos de idade, o desenho partiu de uma conversa informal acerca de temas, como “o que quero ser quando eu crescer”, seguido do pedido para exposição de seu pensamento, no papel.

Para fins deste trabalho, as crianças serão identificadas como: Criança A, Criança B, Criança C e Criança D.

Logo após ter recolhido os desenhos feitos pelas crianças, foi a vez de preparar os questionários para serem respondidos. Primeiramente foi preciso ir à Secretária de Educação do município de Campina Grande – PB, para que fosse entregue uma declaração da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) na qual se encontravam todos os meus dados como estudante, os dados da pesquisa, juntamente ao projeto.

Logo após a autorização da Secretária de Educação, foi dado início a aplicação dos questionários. Nesse período, o setor de educação do município encontrava-se em greve, porém existiam algumas escolas e creches em funcionamento.

No primeiro dia, destinado à aplicação dos questionários, não obtive êxito, pois a creche escolhida encontrava-se fechada. No mesmo dia, busquei a segunda opção de creche, onde tive uma conversa informal com a gestora, entreguei o projeto e expliquei qual era a finalidade do trabalho e da aplicação dos questionários com as educadoras. Ela me levou para conversar com as professoras, explicando a pesquisa que ali seria feita.

Nesse mesmo dia distribuí quatro questionários entre as professoras e marquei o dia para coletá-los, no questionário havia perguntas sobre o desenho, como por exemplo: O que era o desenho gráfico das crianças em sua visão? O que o desenho gráfico representa para a didática da sua sala de aula? Já fez algum projeto relacionado com o desenho? Concorde que o desenho pode avaliar o desenvolvimento de uma criança dentro e fora da escola? Fui por três dias consecutivos à creche, mas infelizmente não obtive o resultado esperado: de quatro professoras, apenas uma havia respondido ao questionário.

Sempre que eu chegava ao local, as professoras não disfarçavam o desprazer que tinham ao me ver, e, em todas as vezes que estive lá, apresentavam argumentos para justificar o não atendimento a minha solicitação. Elas diziam que o questionário era muito difícil de responder ou que era muito extenso, por exemplo.

No quarto e último dia em que estive nessa instituição, não obtendo resultados, recolhi os questionários, os desenhos e fui em busca de uma outra creche.

Alguns dias depois, retornei à primeira creche, a que estava fechada por motivo da greve. Lá, novamente realizei o trabalho de exposição do trabalho e de seus objetivos à gestora que me encaminha à psicóloga da instituição. Ciente do trabalho em andamento, ela me apresentou as quatro professoras e pediu que, novamente, eu as explicasse de que se tratava.

Após isso, foram entregues os questionários e os desenhos, e foi marcado o dia para recolhê-los, respondidos. Dessa vez, todas as solicitações foram atendidas com êxito.

Realizar a pesquisa nas duas creches da rede municipal de Educação de Campina Grande – PB não foi algo fácil. Entrar na creche, ver educadoras não querendo responder ao questionário afirmando ser “difícil” ou “extenso” nos faz pensar que elas, talvez, estejam ali somente para transmitir o que é planejado.

Em contrapartida, chegar em uma creche, ver exposições de desenhos de crianças, e professoras que, de fato, entendem quão grande é a importância do desenho das crianças para o seu desenvolvimento cognitivo, nos faz pensar que existem educadoras preparadas e preocupadas em exercer sua função, reconhecendo a importância do desenho para a criança o que é preconizado pelo Ronei.

por meio do desenho, a criança cria e recreia individualmente formas expressivas, integrando percepção, imaginação, reflexão e sensibilidade, que podem então ser apropriadas pelas leituras simbólicas de outra criança e adultos. (BRASIL, 2002, p. 93)

Por conta dessa dificuldade em recolher o material que serviria de base para este trabalho, a pesquisa, junto às * creches, teve início no mês de março e se estendeu até o início do mês de abril.

Em se tratando dos questionários, foram distribuídas oito unidades entre as *professoras, das quais obtivemos cinco respondidos, o equivalente a 62,5%.

A partir dos questionários, foi possível observar, que em termos de formação acadêmica (62,5%), que as creches contam com profissionais qualificados e de sexo em sua maioria feminino (62,5%), sendo professoras com Licenciatura em Pedagogia (37,5%) com Pós- Graduação (40%), sendo Pós – Graduação em Psicopedagogia (20%) e Formação de Educador (20%), Literatura em Letras (12,5%) ou de outras áreas (12,5%).

5. DISCUSSÃO DAS QUESTÕES PROPOSTAS PELO QUESTIONÁRIO

Nesta análise, exibiremos a recorrência e as principais finalidades do uso do desenho como instrumento pedagógico para o desenvolvimento cognitivo da criança da educação infantil. Isso será feito com base nas respostas dadas, aos questionários, pelas professoras participantes.

De acordo com as respostas analisadas, percebemos que parte das educadoras entendem a importância do desenho como forma de expressão no processo de desenvolvimento cognitivo da criança.

Das cinco professoras participantes, três afirmaram que o desenho gráfico é uma forma de expressão, e as outras duas veem o desenho como antecessor da escrita ou como forma de representação de pensamentos, conforme é apresentado a seguir:

O desenho gráfico representa para a criança a expressão do seu pensar, sentir e vivência do meio ambiente em que está inserida. (C1, P4, 06/04/2016)

É a expressão e sentimentos da criança. (C2, P5, 29/03/2016)

É a representação do pensamento da criança e antecede o ato da escrita. (C1, P3, 04/06/2016)

*

* Creches (C); Professoras (P)

Para Cagnet (2014, p. 13),

O desenho infantil não existe fora da cultura, fora da interação com o outro. Não existe desenho “puro”, como talvez ainda se encontre, em zonas protegidas das atividades humanas[...]. Muito pelo contrário, assim como a linguagem, o desenho infantil precisa de olhares, incentivos e interpretações para nascer e prosperar.

Vale ressaltar que, apesar de o desenho ser um antecessor para a escrita, ele é uma forma de expressão, no entanto, em muitas situações, ainda é tratado como um “passatempo”, quando deveria ser, na verdade, bem avaliado. Não queremos, aqui, nos referir ao sentido de avaliação com notas ou atribuição de qualidades ao desenho, mas o sentido de interpretação do que a criança quis dizer com ele, considerando-o como um espaço para que a imaginação possa fluir, ao passo que o pensamento é organizado.

Além da já dita forma de expressão, o desenho pode ser considerado um recurso didático em sala de aula, útil, para entender como a criança cria e como se adapta para uma melhor forma de aprender, proporcionando às educadoras possibilidades variadas de trabalho em sala de aula.

Um das vantagens, apontadas pelas professoras, diz respeito ao uso do desenho gráfico para realizar intervenções necessárias, no momento exigido pela criança. Essa é uma prática que ajuda tanto a criança quanto o professor em sala de aula.

É o que coloca uma das professoras, ao afirmar:

O desenho gráfico me permite entender o pensamento da criança, pois consiste na linguagem da mesma representando assim condição fundamental do processo pedagógico. (C1, P3, 06/04/2016).

Essa concepção difere da de outra educadora, que afirma:

Vejo o desenho gráfico como um mecanismo de avaliação. (C1, P1, 06/04/2016).

O desenho pode ser usado como um recurso didático em sala de aula, cabe a educadora usar ou não usar esse instrumento para diagnosticar algumas dificuldades que a criança possa vir a ter, ou usar o desenho como um instrumento em que a criança possa desenvolver suas funções motoras, emocionais e pedagógicas.

O educador, essencialmente, poderia provocar a fantasia e criação das crianças. Conhecer teorias acerca do processo criador, assim com as diferentes concepções de infância na história, pode dar pistas para o seu fazer pedagógico. Defendo a ideia de que o desenho, nas instituições de educação infantil ou demais espaços culturais, não deveria ser pensado como base diagnóstica, avaliativa e sim, enquanto expressões, possibilidades de interlocução. (LEITE 2002, p. 272)

Sendo assim, concordando com a visão da autora acima citada, o desenho não deve ser usado como método avaliativo. Isso porque uma criança não deve ser avaliada de forma estanque, uma vez que ela se encontra em constante desenvolvimento. Ao contrário disso, devem ser observadas, suas atitudes, gestos e os traços de seus desenhos, o que ela expressa em determinados momentos de sua vida.

Dessa forma, o desenho vem como auxílio, em sala de aula, para os professores melhor compreenderem as crianças no processo pedagógico.

Saber qual o verdadeiro sentido de trabalhar o desenho com criança da educação infantil, como parte para o desenvolvimento cognitivo, nos permite acreditar que as crianças começam a construir sua própria liberdade de expressão sobre um tema gerador, fazendo com que elas se sintam mais seguras, quando precisarem expressar o que internalizaram.

Trabalhar com projetos em sala de aula, usando desenhos, é uma forma didática de fazer com que as crianças possam, de forma mais lúdica, aprender sobre o que está sendo exposto em sala.

Essa perspectiva foi bem presente nas respostas das professoras aos questionários. Das cinco, três docentes afirmaram ter trabalhado com projetos relacionados a desenhos dentre elas, duas afirmaram que o projeto teve como objetivo avaliar o nível da escrita e o nível motor das crianças e ainda, uma afirmou que o projeto foi baseado para as observações das expressões das crianças.

Nas palavras das educadoras, os projetos que envolve o desenho foram desenvolvidos com os seguintes objetivos e/ou nas seguintes circunstâncias:

Avaliar o nível escrita, o estágio motor em que a criança se encontra.” (C1, P1, 06/04/2016)

O projeto foi em um pós-graduação com o objetivo de averiguar o que as crianças expressão através do desenho do que eles estavam vivenciando e pensando naquele momento.” (C1, P4, 06/04/2016)

Tanto fiz o Tcc sobre níveis de escrita. Como todos os anos faço o autorretrato (entre outras atividades) com minha turma. O desenho é feito1

vez no mês e vemos a evolução da criança no grafismo.” (C1, P2, 06/04/2016)

Além disso, duas professoras afirmaram não ter até o momento realizado projetos relacionados ao tema.

Acerca da prática pedagógica, envolvendo o desenho, o Rcnei deixa claro que:

o pensamento, a sensibilidade, a imaginação, a percepção, a intuição e a cognição da criança devem ser trabalhadas de forma integrada, visando a favorecer o desenvolvimento das capacidades criativas das crianças. [...] No processo de aprendizagem em Artes Visuais a criança traça um percurso de criação e construção individual que envolve escolhas, experiências pessoais, aprendizagens, relação com a natureza, motivação interna e/ou externa. (BRASIL, 2002, p. 93)

Um fato que chama a atenção, nas respostas dadas aos questionários, é que as mesmas professoras que reconhecem a importância de trabalhar o desenho, em sala de aula, nunca realizaram um projeto relacionado ao assunto, revelando, então, uma contradição entre a teoria e a prática pedagógica.

Essa postura, nos leva a questionar se, de fato, as professoras sabem como grande é a importância da realização de projetos, com desenhos, para o processo de aprendizagem das crianças da educação infantil. Ou teria sido, essa postura favorável, somente uma forma de responder mais rapidamente ao questionário?

Respondendo a essas questões, foi possível observar que existem educadoras que, realmente, entendem o verdadeiro sentido de trabalhar o desenho na educação infantil, como é possível perceber na seguinte colocação de uma professora em seu trabalho de pós graduação:

O projeto foi uma pós-graduação com o objetivo de averiguar o que as crianças expressam através do desenho do que ela estava vivenciando e pensando naquele momento (C1, P4, 06/04/2017)

É importante que as educadoras entendam que quanto mais experiências prazerosas a criança tiver, mais ela se desenvolverá, aprenderá e irá crescer, já que “o desenho é um ato de prazer para as crianças, pois o desenho, afinal, é a expressão de uma das coisas que as crianças fazem de mais sério: brincar” (Sarmiento, 2011, p. 51).

A escola tem que ser, nesse sentido, um ambiente de prazer, de estímulos, de aprendizagem, de socialização e de momentos de experiências com o outro. O desenho pode abranger tudo isso.

Para Leite (2002, p. 272), “a vivência/experiência é também parte fundamental do processo criativo/produativo da criança.” E é entusiasmante observar educadoras preocupadas em fazer com seus alunos possam vivenciar e expressar o que viveram, usando tais experiências em sala de aula, como recurso didático.

Acerca da contribuição do desenho para o desenvolvimento da criança, as respostas dadas aos questionários mostraram que todas concordam com essa premissa, no entanto, em níveis diferentes.

Quatro professoras afirmaram concordar plenamente com essa ideia e apenas uma afirmou somente concordar que o desenho ajuda no desenvolvimento escolar da criança.

Nas palavras das professoras:

O desenho é muito importante na construção do pensamento da criança. Quando o desenho evolui é porque o pensamento da criança está evoluindo. (C1, P3, 06/04/2016)

a criança expressa, através do desenho, seus sentimentos e necessidades de aprendizagem. (C2, P5, 29/03/2016)

Nesse sentido, o desenho vem como auxiliar na didática da sala de aula, ajudando tanto o educador a entender o que o educando internalizou, a partir do que foi ministrado, quanto se a criança sente dúvida, medo ou dificuldade. Ele pode, portanto, ser um grande aliado no processo de ensino e aprendizado, uma vez que, dele, podemos observar mais que grafia, palavras ou números.

[...] é nos desenhos que a criança vai trazer à tona seus sentimentos, medos, ansiedade, assim como alegrias, felicidade, tranquilidade. Esta é uma linguagem que não usa as palavras faladas ou escritas para se comunicar, mas que nos diz muito mais que muitas palavras (RABELLO, 2014, p. 14).

As respostas das professoras participantes mostram que elas, em sua maioria, têm o desenho como recurso didático. Saber que essas professoras buscam formas de lidar com as diferentes expressões das crianças, durante seu processo de desenvolvimento cognitivo, é satisfatório, e saber que crianças menos favorecidas do nosso município estão tendo um acompanhamento sério e adequado para o seu desenvolvimento de acordo com a faixa etária na qual se encontra nos dar segurança em ver que as crianças estão tendo meios para que possam desenvolver de acordo com as suas necessidades.

Análise dos desenhos de acordo com a faixa etária: crianças de 3 a 6 anos

Conforme anteriormente mencionado na seção dos procedimentos metodológicos, os desenhos analisados pelas professoras foram produzidos por crianças, de três a seis anos de idade, de uma escola da rede privada do município de Campina Grande – PB. Para que nós os obtivéssemos, foi necessária uma conversa informal com a coordenadora pedagógica da escola, para a qual expus o projeto e a sua finalidade.

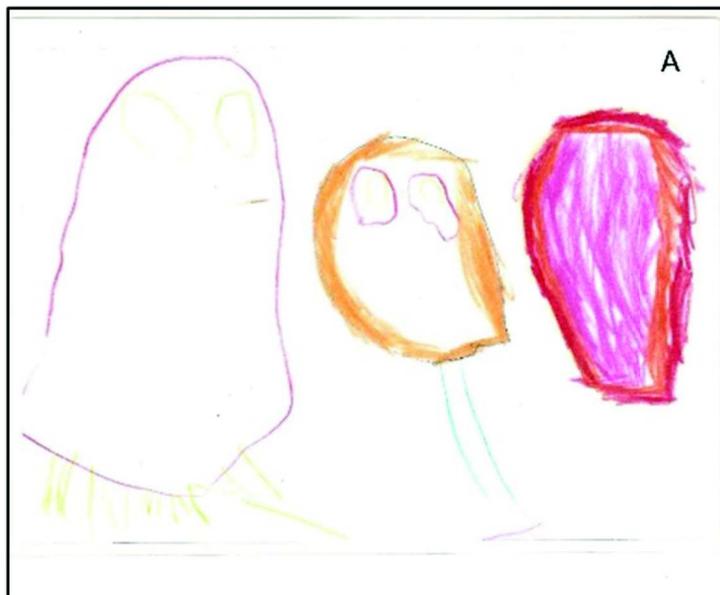
Após a autorização, iniciei, junto às crianças, as produções dos desenhos, individualmente, a partir da leitura de livros de histórias infantis, já mencionados anteriormente, escolhidos pelas crianças de três a cinco anos. Para a produção do desenho da criança de seis anos, houve a mediação, através de uma conversa sobre o que ela queria ser quando crescesse, seguido do pedido para que ela expusesse, no papel, o que ela tinha me falado.

Para que as professoras respondessem às perguntas subjetivas do questionário, relacionadas aos desenhos feitos pelas crianças, foi necessária a distribuição das produções entre elas. Cada docente recebeu, portanto, os quatro desenhos produzidos pelas crianças acima mencionadas.

O objetivo principal dessas perguntas era o de inferir se as professoras sabem identificar, a partir do desenho, características indicativas da fase em que as crianças se encontram, questionando a idade aproximada delas e tentando comparar o que ela desenha com a idade que possui, procurando identificar traços e detalhes para buscar analisar o que foi entendido pela criança a partir da história e da conversa informal, no caso deste trabalho.

Em se tratando das produções, vale relatar que o primeiro desenho, identificado como sendo uma produção da Criança A, foi feito por uma aluna de 3 anos de idade, a partir da leitura livro "O ratinho, o morango vermelho maduro e o grande urso esfomeado",

autoria Dom
Wood, com
de Don



cuja é
e Audrey
ilustração
Wood.

Sempre muito atenta à história, a Criança A expôs, em seu desenho, os três personagens principais e, sempre que produzia o desenho de um deles, fazia relação do desenho com a respectiva passagem no livro. Além disso, ela deixava claro o desejo de colori-los. Vale destacar que, no livro, existe um personagem que não aparecia na história, mas a criança A fazia questão de falar como ela achava que esse personagem era, na medida que desenhava.

Sobre essa produção em discussão, três, entre as cinco professoras, responderam a idade correta da criança, expondo como a explicação que ela estaria na fase de representação, conforme apontam:

A criança começa a dar forma a figura humana com distorções e omissões, tamanhos desproporcionais, utiliza cores aleatórias (C1, P3, 06/04/2016)

Ele está tentando representar esquema corporal (C2, P5, 29/06/2016)

As professoras explicaram que, para chegar a essa conclusão, foi preciso observar detalhes dos traços que mostram o nível em que a criança se encontra, no caso, a garatuja, além disso, elas afirmaram que foi preciso ter conhecimentos prévios e pedagógicos para obter as respostas.

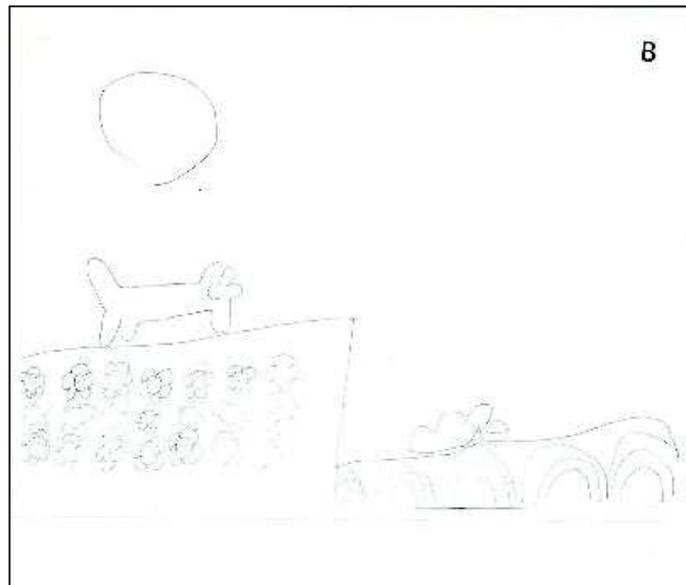
Sobre isso, o RCNEI explica que:

Na garatuja, a criança tem como hipótese que o desenho é simplesmente uma ação sobre um superfície, e ela sente prazer ao constatar os efeitos visuais que essa ação produziu. A percepção de que os gestos, gradativamente, produzem marcas e representações mais organizadas permite à criança o reconhecimento dos seus registros. (BRASIL, 2002, p. 92)

Observar que a maioria das professoras soube responder, com êxito, às perguntas nessa primeira etapa, nos faz refletir que existem professoras comprometidas com o processo educacional.

No entanto, houve professoras que afirmaram precisar conhecer a realidade da criança para ser mais precisa em suas respostas. Contudo, neste caso, não era necessário conhecer tal realidade, pois era bastante identificar, no desenho, traços do seu nível de desenvolvimento.

O segundo desenho, identificado como sendo da Criança B, foi feito por um aluno de 5 anos de idade. Para a construção de seu desenho, foi feita a leitura do livro “Gato pra cá, rato pra lá” de Sylvia Orthof e ilustrações de Graça Lima.



A Criança B fez o seu desenho logo depois da leitura do livro. Enquanto desenhava o que chamou a sua atenção na história, afirmava que estava “feio”, além de sempre enfatizar que não iria pintar o desenho porque estava com pressa e não queria perder o recreio.

Nesse desenho, todas as professoras conseguiram identificar a idade da criança. Delas, duas não foram específicas, mas ficaram dentro do esperado, afirmando idades entre cinco ou seis anos.

Sobre as reflexões acerca desse desenho, todas seguiram um mesmo raciocínio, conforme pode ser observado nas passagens abaixo transcritas.

Uma interpretação organizada de história contada pela professora. (C1, P1, 06/04/2016)

Procura símbolos que representam o ambiente, tem noção espacial, utiliza todo o papel. (C1, P3, 06/04/2016)

Conhecimento espacial, desenvolvimento motor mais desenvolvido e o cognitivo “tb” mais desenvolvido. (C1, P4, 06/04/2016)

As professoras afirmaram que, para chegar a essas conclusões, precisaram ter conhecimentos prévios e pedagógicos que as auxiliaram a melhor interpretar o que visualizavam.

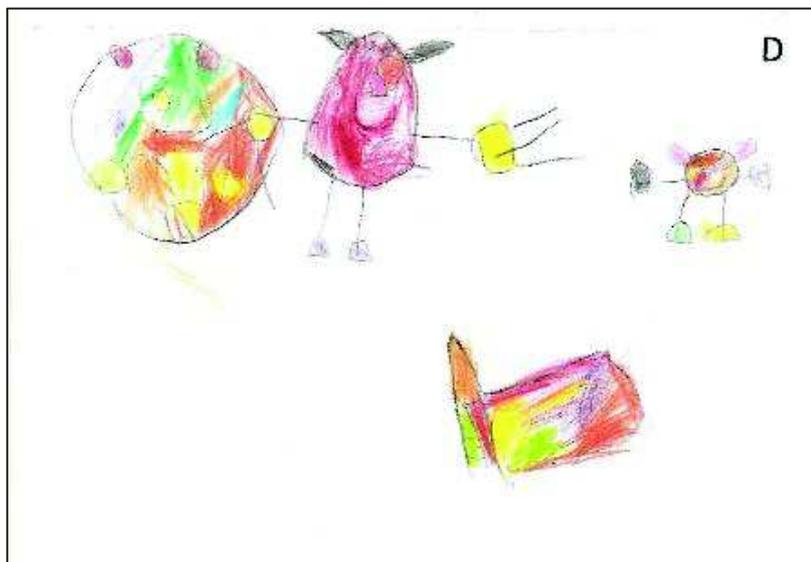
O desenho é uma atividade sociocultural aprendida – não se nasce sabendo desenhar, da mesma forma que não há aquele que não possa aprender fazê-lo. O desafio que se coloca é como pensarmos o desenho de forma mais ampla, mais plural, como algo que carrega nossos rastros; que congrega as marcas de nosso tempo; mas que nos mantém livre para nos expressarmos plasticamente. (LEITE , 2002, p. 271)

Na fase em que se encontra a criança B, a coordenação motora já está mais trabalhada, e a noção de espaço e de tempo já está mais construída. Nessa etapa, a criança costuma desenhar traços bem mais estruturados e firmes, sabendo expressar alguns detalhes a mais, no caso, detalhes da história que foi contada.

Sobre isso, a maioria das professoras soube identificar os detalhes, no desenho, e ainda souber explicar, com êxito, suas conclusões.

Incentivar as crianças a organizar seus pensamentos, seus conhecimentos e os acontecimentos significantes de sua vida, através do desenho, é uma das formas de as educadoras entenderem o que, de fato, se passa no interior das crianças. Além disso, o desenho amplia as possibilidades de desenvolvimento cognitivo da criança durante sua construção social, cultural e emocional.

O terceiro desenho, identificado como sendo da Criança D, foi produzido por uma aluna de 4 anos. A produção foi feita a partir da leitura do livro “ PAPAÍ”, de Philippe Corentin.



A Criança D, logo após a leitura do livro, desenhou alguns personagens e parte do cenário que fazia parte da história. Era uma criança sempre muito comunicativa, tanto sobre o que entendeu acerca do que viu no livro, quanto sobre sua vida pessoal.

A cada desenho feito e a cada cor que era usada para colori-lo, a criança D explicava algo que acontecia na sua família, por exemplo: a separação dos pais, o seu relacionamento com pai, ao afirmar “gosto do pai mesmo ele agora morando em outra casa”, e o seu relacionamento positivo que tinha com seus avós.

De acordo com o que as professoras responderam, foi possível observar que, das cinco, uma respondeu exatamente a idade da criança; duas responderam que teria a idade entre quatro e cinco anos; e as outras duas professoras responderam que a criança produtora do desenho teria cinco ou seis anos de idade.

Algumas professoras acharam o desenho da criança D um pouco confuso e com muita informação, porém, outras professoras seguiram na linha de análise das formas e dos traços componentes do desenho.

Por isso, as professoras apontaram:

Uso de cores variadas, tamanhos desproporcionais, diferentes elementos. (C1, P3, 06/04/2016)

A criança demonstra já ter conhecimento de espaço, a coordenação motora e escolha de cores desenvolvendo no seu contexto social. (C1, P4, 06/04/2016)

O desenho da Criança D não foge do esperado para sua faixa etária. Pode-se, inclusive, observar que, nele, já existem outras formas, outros traçados que começam a se diferenciar dos desenhos girinos (desenhos onde falta partes do corpo, não existe organização de espacial e os desenhos podem grandes ou pequenos demais).

Podemos observar que o desenho já é composto de pés, mãos, nariz, boca e olhos mais definidos. As professoras conseguiram observar esses elementos, revelando ter conhecimento sobre os traços feitos pela criança.

Nesse desenho, podemos ressaltar que a criança D já iniciou uma nova etapa no seu desenvolvimento. Em seu desenho, já se pode constatar traços de figura humana que vão além, portanto, de desenhos girinos.

Afora a representação da história contada pelo livro, a criança expôs muito de sua vida pessoal no desenho, com o uso de muita cor, por exemplo.

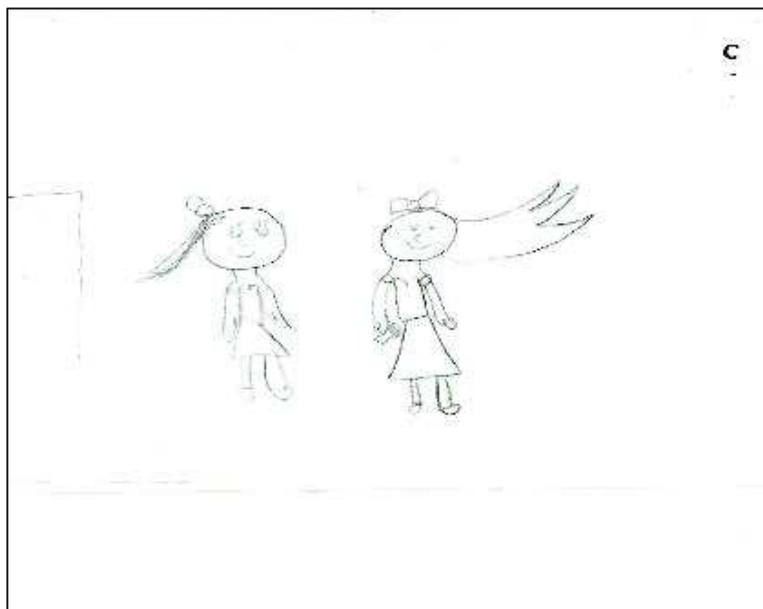
Recorrendo novamente ao Rnei, é importante destacar que:

Enquanto desenham ou criam objetos também brincam de “faz-de-conta” e verbalizam narrativas que exprimem suas capacidades imaginativas, ampliando sua forma de sentir e pensar o mundo no qual estão inseridas.” (BRASIL, 2002, p. 93)

Sendo assim, o desenho não precisa ser totalmente relacionado à história contada, para efeitos deste trabalho. O momento do desenho pode ser uma forma da criança expressar o que pensa e o que vive. É através dele que as crianças podem comparar determinados detalhes da história, da sua vida, podendo, assim, organizar seu pensamento em meio aos traços que coloca no papel.

O quarto desenho é identificado como sendo da Criança C, que tem 6 anos de idade. Quando questionada sobre “o que ser quando crescer?”, ela respondeu, em seu desenho, que queria ser cantora ou professora.

Porém, enquanto ela produzia seus desenhos, afirmava que não sabia desenhar, sempre conversando durante a produção. A Criança C afirmou, inclusive, em determinado momento, que a mãe disse que não queria que ela seguisse a nem



professora ou cantora, pois “nenhuma dessas profissões daria dinheiro.”

A partir das respostas das professoras ao questionário, foi possível perceber que, das cinco professoras, três afirmaram que a idade da Criança C era de sete a oito anos, e duas professoras responderam ser seis ou sete anos.

A maioria das professoras teve a mesma opinião acerca do desenho, afirmando se tratar de:

A figura humana elabora. (C1, P1, 06/04/2016)

A criança já tem um desenvolvimento cognitivo, motor, social e o ambiental trabalhado. (C1, P4, 06/04/2016)

Figura humana com detalhes, aparecem vestidas, controle do tamanho. (C1, P3, 06/04/2016)

Por que é o que apresenta. (C1, P2, 06/04/2016)

Vygotsky (1991, p. 75) afirma que:

O desenvolvimento subsequente do desenho nas crianças, entretanto, não tem explicação em si mesmo e tampouco é puramente mecânico. Há um momento crítico na passagem dos simples rabiscos para o uso de grafias como sinais que representam ou significam algo.

Nesta fase, os desenhos já estão bem mais estruturados com riquezas de detalhes e pensamentos bem mais organizados e elaborados. A criança já demonstra domínio do que está sendo falado e desenhado. No caso deste trabalho, a criança consegue expressar seus desejos no desenho porém, reflete alguns pontos negativos sobre o que foi desenhado.

Os desenhos são também a expressão confluyente de múltiplos códigos culturais, por vezes mesmo contraditórios, que exprimem na sua plasticidade distintos níveis e âmbitos de socialização das crianças: a socialização familiar, as culturas locais, a cultura nacional, a cultura escolar e as culturas globais aportadas pela *mídia* e a indústria cultural. (SARMENTO, 2011, p. 53)

Como a Criança D já é mais desenvolvida, seus desenhos expressam muito mais detalhes, contornos e demonstra mais clareza.

A partir do que foi proposto para a produção desse desenho, a criança verbalizou o que foi internalizado por ela, em algum momento da sua vida.

É surpreendente a função do desenho revelando no desenvolvimento infantil. Estando a criança à vontade para expressar-se diante de uma determinada situação, produzem desenhos que exprimem uma linguagem simbólica cujo estudo é importante para a criança, que será interpretada pela família a partir da sua expressão de comportamento e para os professores em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A medida que as crianças desenvolvem suas atitudes, seus gestos, sua interação para com outro, dão início à organização de seus pensamentos diante de situações e informações significantes que foram vividas por elas. O desenho vem, nesse sentido,

como instrumento auxiliador tanto para a criança quanto para quem faz parte do convívio dela.

É no desenho que encontramos a forma mais sincera de comunicação da criança, e é esse instrumento didático que pode ser usado, tanto na sala de aula quanto fora dela, nos ajudando a entender o que se passa dentro de um indivíduo que a todo o momento está se descobrindo e redescobrimdo tudo o que o cerca.

Apreciar o que as crianças apresentam em seus desenhos é tentar descobrir um mundo misterioso, em que a expressão de suas emoções, alegrias, atitudes e necessidades são ali expostas.

O desenho fala através de uma linguagem simbólica que expressa a construção do caráter evolutivo da criança tanto na família, como principal base dessa evolução, quanto na escola.

Saber que o desenho como instrumento pedagógico está sendo usado pelas professoras nos faz afirmar que essas crianças têm a oportunidade de expressar o que foi internalizado e de serem entendidas, além da educadora saber lidar com essas necessidades de seus alunos para que, assim, possam realizar as devidas intervenções.

Por outro lado, ver as professoras se contradizendo em relação ao desenho como instrumento pedagógico, nos faz refletir que elas só participam da vida de seus alunos com atividades mecânicas.

O desenho é uma atividade sociocultural aprendida (Leite,2002, p. 271), ou seja, a criança aprende a fazê-lo. Tendo o incentivo certo no ambiente escolar e no familiar, a criança consegue se desenvolver melhor dentro do que é esperado para a sua faixa etária.

Portanto, entender que, no desenho, a criança pode falar muito mais que palavras, expressar muito mais que gestos e ver sua imaginação, seus sonhos refletidas no papel é achar uma comunicação do seu particular em meio ao silêncio.

ABSTRACT

This article has as its theme "The importance of drawing as a pedagogical tool for children's cognitive development in early childhood education." This is a descriptive and analytical study, with a quantitative and qualitative approach, in which we sought to examine the use of drawing in the classroom in Early Childhood Education, as well as understanding how teachers interpret the drawings of their students. The study was based on authors such as Moreira (2011), Oliveira (2010), Vygotsky (1991), Naulle (1949), Cognet (2004) and Leite (2002). The instrument used for data collection was an

open questionnaire, applied in two different public day nurseries in the city of Campina Grande-PB. Through the results, we note that, for the most part, the teachers recognize the importance of drawing for the cognitive development of the child, however, this is an underused feature in the teaching process of some teachers. This survey focuses on early childhood education, the school stage where the child is at all times discovering and developing their motor, emotional and social skills. During this period, drawing is presented as a strong ally for the child to expose what he or she internalized from their experience in the environment in which they are inserted, in addition to helping them organize their thoughts and express everything they feel preceding the verbal language stage, namely, the speech, which is still not fluent.

Keywords: Drawing. Development. Expression

REFERÊNCIAS

BOCK, Ana M. Bahia; FURTADO, Odaír. TEXEIRA; Maria de Lourdes Trassi. Psicologia da aprendizagem. In: **Psicologias: Uma introdução ao estudo de psicologia**. 14^o Edição, São Paulo. Editora Saraiva, 2008.p. 132-149.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretária de educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**/ Secretária de Educação Básica. Brasília: MEC/ SEB, 2010. P. 12.

BRASIL. Ministério da Educação. **Referencial Curricular Nacional da educação Infantil**. Secretária de Educação. Brasília: DF: MEC/ SEF, 1998. P. 33

_____. Ministério da Educação. **Referencial Curricular Nacional da educação Infantil**. Secretária de Educação. Brasília: DF: MEC/ SEF, 2002. P. 92-93

BRAGHIROLI, Elaine Maria. Et al. Aprendizagem. In: **Psicologia Geral**. 18^o edição. Porto Alegre. Editora Vozes, 1990. p. 117-134

CAMPOS, Dinah Martins de Souza. A importância do teste do desenho como instrumento de diagnóstico psicológico. In: **O teste do desenho como instrumento de diagnóstico da personalidade: validade, técnica**. 17^o Edição. Petrópolis, Rio de Janeiro. Editora Vozes, 1987. p. 11 -13

CORENTIN, Philippe. In: **Papai**. Ilustração do Autor. 2^o Edição. São Paulo. Cosac Naify, 2008.

COGNÉT, Georges. Crianças desenham. In: **Compreender e interpretar desenhos infantis**. Tradução: Stephania Matousek. 2^o Edição. Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes, 2014.p. 13-25

_____. O desenho livre. In: **Compreender e interpretar desenhos infantis**. Tradução: Stephania Matousek. 2^o Edição. Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes, 2014.p. 27-44

LAKATOS, Marina de Andrade; MARCONI. Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. 7^o Edição. São Paulo. Editora Atlas. 2008, p. 12

LEITE, Maria Isabel F. P. Nem fases de grafismo, nem exercício psicomotor: O desenho com espaço de produção cultural de crianças. In: MACHADO, Maria Lucia de A. (ORG). **Encontro e desencontro em educação infantil**. São Paulo. Cortez Editora, 2002. p.268-274.

LURIA, Alexander Romanovich. A evolução sócio - histórica da mente. In: **Desenvolvimento cognitivo. Seus fundamentos culturais e sociais**. Tradução de: Fernando Limongli Gurgueira. 7º Edição. São Paulo. Ícone Editora, 2013.p. 19 – 27

MACÊDO, Lenilda Cordeiro de. **Tia o meu desenho tá certo?** A cultura do desenho. 2014. 238f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2014.p. 177-178

_____. **Tia o meu desenho tá certo?** A cultura do desenho. 2014. 238f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2014.p. 180

MARCONI, Mariana de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Fases da pesquisa. In: **Técnicas de Pesquisa**. 7º edição. São Paulo. Editora Atlas, 2008. p. 12

ORTHOFF, Sylvia. In: **Gato para cá, rato pra lá**. Ilustrações Graças Lima.- Rio de Janeiro: Rovel, 2002

PIAGET, Jean. A representação Cognitiva. In: **A passagem dos esquemas sensórios motores para os esquemas conceptuais**. 3º Edição. Rio de Janeiro. Zahar Editores, 1964. p.275 - 276

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. (Org.). Educação Infantil: muitos olhares. 9º Edição. São Paulo. Editora Cortez, 2010.p. 9 à 13

RABELLO, Nancy. In: **O desenho Infantil. Entenda como a criança se comunica por meio de traços e cores**. 2º edição. Rio de Janeiro Wal Editora. 2014, p.14

RIBEIRO, Lourdes Eustáquio Pinto. O papel do desenho no desenvolvimento da escrita infantil. In: **para casa ou para sala? A teoria da prática construtivista**. São Paulo. Editora Didática Paulista, 1999.p. 53

ROSA, Merval. Teorias Cognitivas de Jean Piaget. In: **Psicologia Evolutiva. Problemática do Desenvolvimento**. Volume I. 8º Edição. Petrópolis, Rio de Janeiro. Editora Vozes, 1996. p. 136- 143

SARMENTO, Manoel Jacinto. Conhecer a infância: os desenhos das crianças como produções simbólicas. In: FILHO, Altino José Martins. PADRO, Patrícia Dias (Org.). **Das pesquisas com crianças à complexidade da infância**. Campinas, São Paulo. Autores Associados, 2011.p. 27 à 60

TEODORO, Wagner Luiz Garcia. Aprendizagem. In: **O desenvolvimento infantil de 0 a 6 e a vida pré escolar**. São Paulo. Uberlândia, 2013.p. 20-29

VYGOTSKY, L. S. A pré- história da linguagem escrita. In: **A formação social da mente**. 4º Edição. São Paulo. Editora Martins, 1999.p. 75.

WOOD, Don. **O ratinho, o morango vermelho maduro o grande urso esfomeado.**
Ilustração do Autor. Tradução: Gilda de Aquino. 2º Edição. São Paulo: Brinque-Book
2012